

C M 29.9.50
M 708

LN, mai 68

Finanças de Voltaire

1232

RUBEM BRAGA

INTERESSANTE, êsse livro de Jacques Douvez, «De que vivia Voltaire». Não vivia mal: na hora de morrer tinha uma renda capaz de fazer inveja a muito milionário de hoje. Era um pequeno rei, com amplos domínios na Suíça e na França, incluindo muitas fazendas e direitos sobre uma aldeia. Seu pai o deixara com uma renda que daria para viver folgadoamente, mas êle se meteu em negócios que a multiplicaram. Para começar, uma alta maroteira com títulos da dívida pública, que lhe rendeu algumas centenas de milhares de francos; depois, comércio colonial, fornecimentos militares, empréstimos hipotecários, usura, contrabando de obras de arte...

Quando já estava bem rico, Voltaire começou a emprestar dinheiro a magistrados e senhores que sofriam de apertos momentâneos. Não queria nada: apenas 10 por cento de renda vitalícia. E estava agonizante, quase não podia mais se erguer, não comia nada... Essa «agonia» durou mais de trinta anos, para desespero dos seus clientes.

E Pierre Gaxotte, comentando o livro, diz: «Amo Voltaire pela delicadeza de sua pena, pela clareza e agilidade sem rivais de sua inteligência; amo-o porque foi o eco de seu tempo, teve tôdas as idéias de sua época e as exprimiu melhor do que ninguém; mas teria medo de fazer qualquer negócio com êle...»

29/11/66